

# O corredor (ainda) não existe

ANTÔNIO CARLOS DE MEDEIROS

Informações recentes, divulgadas pela Câmara Estadual de Logística e Comércio Exterior, coordenada pela Aderes, evidenciam que o Corredor de Transportes Centroleste ainda não se constituiu como tal. Embora tenha entrado em operação em 1979, e tenha sido consolidado em 1992, o Corredor é uma realidade institucional, mas ainda não é uma realidade econômica.

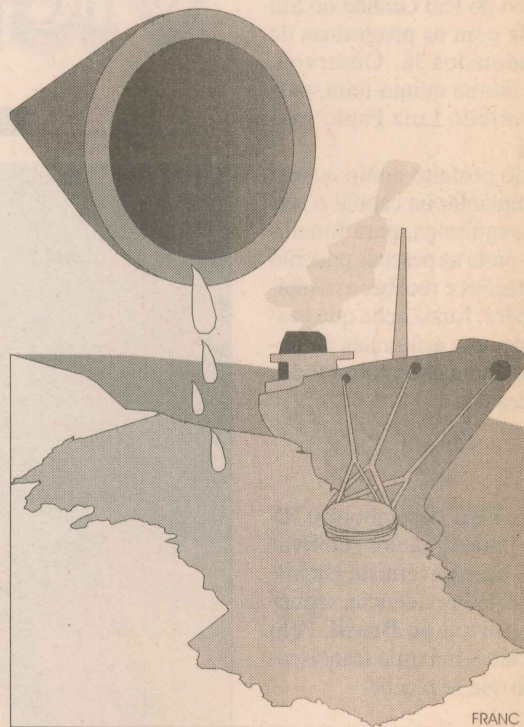
Com efeito, apenas 14% das exportações dos Estados da Região Centro-Oeste passaram pelos portos capixabas em 1996. No mesmo ano, dos 7,2 bilhões de dólares de produtos exportados por Minas Gerais e pelos Estados do Centro-Oeste, apenas 2,8 bilhões de dólares – ou seja, 39% – foram movimentados pelos portos capixabas. Ainda, os dados mostram que Minas Gerais está exportando não mais do que 45% dos seus produtos através do Espírito Santo.

Assim, podemos afirmar que, do ponto de vista operacional, o Corredor ainda é mais “Minas Gerais” do que propriamente “Centroleste”. Mesmo assim, dado o nosso potencial e a nossa capacidade instalada, ainda é tímida a movimentação proveniente de Minas Gerais.

Esta constatação, entretanto, não nos deve levar para a adoção da cômoda postura de chorar sobre o leite derramado. Ou de procurar “culpados” para sair ligando a metralhadora giratória. Muito pelo contrário. As informações devem ser tomadas como um alerta de que, neste campo, temos muito ainda o que fazer.

Para começar, nós, capixabas, precisamos deixar o ufanismo de lado e perceber que o Corredor Centroleste já se tornou uma espécie de **griffe**, mas ainda não se constituiu em realidade operacional e econômica. É como se tivéssemos que sair do discurso para a prática, saltando da etapa da institucionalização para a etapa da operacionalização.

Bem ou mal, o aparato institucional mínimo já está de pé. No plano nacional, o Governo federal está criando vários mecanismos de estímulo às exportações e formatando uma Agência de Promoção, ligada ao Sebrae. Aqui no Espírito Santo, o Sebrae-ES já saiu na frente e está iniciando estudos com vistas à promoção do



**É PRECISO AGILIDADE E  
COMPETÊNCIA PARA  
BUSCAR NOVOS CLIENTES  
E NOVAS CARGAS**

comércio exterior.

No plano estadual, além das iniciativas recentes do Sebrae, já temos uma Câmara Estadual de Logística e Comércio Exterior funcionando desde o início do Governo Vitor Buaiz. Esta Câmara é um fórum hoje coordenado pela Aderes, com a participação de várias entidades públicas e privadas. Desde 1992, quando foi rebatizado como Corredor de Transportes Centroleste, o corredor é considerado prioritário pelo Governo estadual, a partir do trabalho pioneiro de Paulo Augusto Vivacqua e Sandra Stherling.

No plano privado, o Corredor tem sido prio-

ridade absoluta nas atividades da organização não-governamental “Consórcio Operacional do Corredor Centroleste”, uma entidade independente, que tem estabelecido convênios, parcerias e ações com vistas à consolidação do Corredor. Também, os empresários capixabas do comércio exterior, aproveitando o seu **know-how** e os incentivos financeiros do sistema Fundap, têm dado uma grande demonstração de agilidade e competência empresarial, principalmente no incremento das exportações.

Quer dizer, temos instituições e experiência acumulada. Mas, agora, é preciso dar um novo salto de qualidade. É preciso ter agilidade e competência para buscar novos clientes e novas cargas para os nossos portos. Mais ainda, é preciso criar condições para que os portos capixabas deixem de ser apenas portos de serviços – isto é, portos que só fazem movimentação de carga e descarga de mercadorias. É preciso ir mais além, transformando as retroáreas dos nossos portos em espaços para a industrialização de produtos, a exemplo dos portos mais modernos do mundo, como os de Hamburgo, Ghent e Rotterdam. É daí que vem a agregação de mais valor às mercadorias, gerando mais resultados econômicos para o nosso Estado.

Na busca por mercadorias, queremos, por exemplo, que o café e a indústria automotiva de Minas Gerais tenham preferência pelos nossos portos, ao invés do Rio de Janeiro e Santos. Desejamos disputar a movimentação de frutas tropicais e de cargas gerais. Em conjunto com a Codesa e com outros parceiros do setor, lutamos pela superação dos “gargalos”, impeditivos da movimentação de certos produtos pelo Espírito Santo. Há muito o que fazer, enfim.

Em termos mais gerais e estruturais, o Governo estadual já incorporou à sua política de desenvolvimento a idéia de que, no campo do comércio exterior, o grande diferencial de competitividade para o Espírito Santo será cada vez menos o incentivo financeiro do Fundap, e cada vez mais o sistema de logística de transporte, armazenagem e distribuição de mercadorias. Já começamos a trabalhar também neste sentido.

■ **ANTÔNIO CARLOS DE MEDEIROS** é administrador de empresas, cientista político e presidente da Aderes